

ESTRUTURA DE PARTICIPAÇÃO E ALINHAMENTO EM ENTREVISTAS COM ESTUDANTES CABO-VERDIANOS

PARTICIPATION STRUCTURE AND ALIGNMENT IN INTERVIEWS WITH CAPEVERDE STUDENTS

Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa¹, Maria Elias Soares²

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar uma breve análise da estrutura de participação em entrevistas com estudantes cabo-verdianos da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), realizadas pelos componentes do Grupo de Pesquisa *Variação e Processamento da fala e do discurso: análises e aplicações* (PROFALA/UFC).³ O estudo se insere em dois eixos teóricos: Sociolinguística Interacional e Análise da Conversação, que forneceram as bases para a compreensão das estruturas organizacionais da interação. Como principais representantes dessas vertentes teóricas, adotamos Goffman (1967, 1974, 2002a, 2002b) e Philips (1972). As entrevistas usaram como instrumento os questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), adaptado para atender às diferenças linguísticas e culturais dos participantes estrangeiros. A análise incidiu sobre 20 entrevistas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), aplicadas a estudantes de Graduação da UFC e da UNILAB. Os resultados mostram a dinâmica de trocas de papéis: animadores - autores, a mudança de enquadres e alinhamentos. O realinhamento no papel de autores deixa mais evidente a preocupação com a face, sendo a estrutura do tipo 1 a mais propensa a criar maior tensão entre os interagentes. A estrutura de participação parece ter contribuído para o bom exercício da polidez linguística nas interações estudadas.

Palavras-chave: interação; estrutura de participação; alinhamento; grupo Profala; PEC-G.

¹ Doutora em Linguística pela UFC e professora da Universidade Federal do Pará, do Campus Universitário do Tocantins/ Cametá-Pará. ORCID (<https://orcid.org/0000-0002-3597-0416>)

² Doutora em Linguística pela PUC/RJ, Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. ORCID (<https://orcid.org/0000-0003-3747-1941>)

³ Grupo de Pesquisa *Variação e Processamento da fala e do discurso: análises e aplicações* - PROFALA/UFC - <https://profala.ufc.br/pt/principal/>

ABSTRACT

The aim of this article is to provide a brief analysis of the participation structure of Cape Verdean students in interviews conducted by PROFALA/UFC from the PEC-G Program at the Federal University of Ceará and University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (Unilab). The study falls within two theoretical axes: Interactional Sociolinguistics, and Conversation Analysis, which provided the basis for understanding the organizational structures of interaction. As the primary representatives of these theoretical approaches, Goffman (1967, 1974, 2002a, 2002b) and Philips (1972) were selected. The interviews used questionnaires from the Brazilian Linguistic Atlas Project (ALiB) as an instrument, adapted to meet the linguistic and cultural differences of foreign participants. The analysis focused on 20 interviews from the Phonetic-Phonological Questionnaire (FFQ), applied to undergraduate students at UFC and UNILAB. The results demonstrate the dynamics of role exchanges, animators-authors, frame shifts, and alignments. The realignment in the role of authors makes concerns about face more apparent, and the structure of type 1 seems more likely to create greater tension among the interactants. The participation structure appears to have contributed to the effective exercise of linguistic politeness in the interactions under study.

Keywords: interaction; participation structure; alignment; Profala Group; PEC-G.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da polidez linguística em entrevistas realizadas no período de 2014 a 2015, com estudantes cabo-verdianos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e participantes do programa PEC-G,⁴ da Universidade Federal do Ceará (UFC), residentes no Estado do Ceará.

A pesquisa sobre o fenômeno da polidez linguística considera duas vertentes: a Sociolinguística Interacional e a Análise da Conversação, com base nas quais propõe a análise do uso dos marca-dores conversacionais e da estrutura de participação nas interações verbais. Consideramos oportuno discutir, inicialmente, o conceito de estrutura de participação proposto por Phillips (1972), discussão ampliada pelas leituras de Goffman (2002a), sobre estrutura de participação.

Com base nesses conceitos, propomos uma análise da estrutura de participação das entrevistas com os falantes-interagentes cabo-verdianos. Para garantirmos a sequencialidade das nossas discussões, organizamos o texto em quatro seções, além desta introdução. Inicialmente, sintetizamos as orientações teóricas sobre a estrutura de participação; em seguida apresentamos a fundamentação de alinhamento e enquadre; na seção 4, descrevemos os procedimentos metodológicos da pesquisa; e na seção 5, realizamos a análise das interações, a partir dos subsídios teóricos anteriormente

⁴ O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) destina-se à formação e qualificação de estudantes estrangeiros, por meio de oferta de vagas gratuitas em cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior – IES brasileiras. O PEC-G constitui um conjunto de atividades e procedimentos de cooperação educacional internacional, preferencialmente com os países em desenvolvimento, com base em acordos bilaterais vigentes, e caracteriza-se pela formação do estudante estrangeiro em curso de graduação no Brasil e seu retorno ao país de origem ao final do curso” (Parágrafo Único do Art. 1º do Decreto nº 7948, de 12 de março de 2013).

debatidos, considerando os interagentes e os papéis assumidos durante o processo interativo. Após as exposições analíticas, sintetizamos o trabalho com uma breve conclusão.

ESTRUTURA DE PARTICIPAÇÃO

O conceito de estrutura de participação foi proposto por Phillips (1972), que o define como “os arranjos estruturais da conversa”, referindo-se ao conjunto de comportamentos comunicativos presentes em uma interação face a face. Erickson e Shultz (2002) partem da afirmação de Cicourel (1972), de que os direitos e obrigações dos participantes de uma interação podem ser continuamente reajustados, redistribuídos em novas configurações de ação conjunta denominada “estrutura de participação”, incluindo as formas de falar, ouvir, tomar posse do turno, mantê-lo e conduzi-lo.

Goffman (2002b, p. 125) refere-se à estrutura de participação como “a relação de todas as pessoas em um agrupamento com uma dada elocução”. O termo estrutura de participação foi introduzido pelo autor para designar as diferentes formas pelas quais falante e ouvinte podem se relacionar um com o outro e com seus enunciados. Em outras palavras, a estrutura de participação varia de acordo com as várias formas de alinhamentos interacionais (*footing*).

Ventola (1978) já sugeria que o falante deixa pistas em seu discurso, as quais estabelecem, predominantemente, relações entre o falante e seu texto; o falante e o conteúdo expresso, assim como entre o falante e o interlocutor. No primeiro caso, é indicado o grau de conectividade de segmentos do texto, mudança, término ou início de assunto; no segundo caso, o falante pode, por exemplo, demonstrar sua opinião quanto à importância de um dado conteúdo, por meio de ênfase ou ironia, expressando convicção ou incerteza, afastamento ou comprometimento etc.

O fato de os participantes estarem em constante negociação no discurso levou Goffman (2002b) a contestar a “análise tradicional da conversa”, cuja ordenação se fundamenta em princípios de adjacência e de alternância de falas, em que falantes negociam seus papéis de falante e de ouvinte, baseados no revezamento de turno, ancorados apenas na ideia de transmissão de um som verbal. Goffman (2002b) defende que nem a adjacência é marcada necessariamente pela “fala”, nem os papéis de ouvinte e de falante são tão simples que se possa levar em conta apenas o som verbal. Considera que não se pode negligenciar a situação em que os interagentes estão envolvidos. Assim, a aproximação e o distanciamento físicos podem marcar o início e o fim de um estado de conversa, no qual os papéis se distribuem de acordo com a situação social ou com a ordenação da fala.

Com o intuito de deixar mais claro o papel da audiência, Goffman (2002b) introduziu a noção de ratificação. Esta pode ser verbal⁵ ou não verbal, de modo que, em uma estrutura de participação, o indivíduo perceba o seu real *status* no processo interacional.

Segundo Philips (2002), a interação entre duas pessoas pode variar culturalmente, dependendo das relações entre o falante e o ouvinte. Em interações com mais de duas pessoas, há maiores distinções, em que é possível observar ‘interlocutores não ratificados’ – caso de ouvintes que estão presentes, mas a quem as palavras não são dirigidas –; ‘interlocutores ratificados’ – aqueles a quem as palavras estão sendo dirigidas –; e interlocutores circunstanciais – a quem as palavras estão

⁵ Deve-se considerar, no entanto, que as sinalizações e ordenação da fala podem variar de acordo com aspectos culturais, como percebeu Philips (2002) ao estudar a cultura *Warm Springs* em relação à cultura *branca* americana, os indígenas não endereçavam a sua fala a alguém específico, como faziam os falantes da cultura *branca*. O que pode ser interpretado que o falante não teria influência sobre o turno seguinte, não sinaliza, não ratifica seu interlocutor.

sendo dirigidas ainda que indiretamente –, como percebeu Philips (2002), ao estudar a cultura dos indígenas da Reserva *Warm Springs*,⁵ em comparação com a cultura *branca* americana.

De acordo com Philips (2002), um interlocutor ratificado pode controlar a interação por meio da atenção dispensada ao falante, principalmente quando há mais de duas pessoas na conversa. Por outro lado, o falante também exerce influência sobre quem será o próximo a falar, pois o seu interlocutor ratificado é um falante em potencial, na sequência interacional.

Philips (2002) ressalta que a ratificação do ouvinte pelo falante se dá, em parte, por meio de linguagem não verbal, interação bastante comum em sala de aula:

nas discussões nas salas de aula da escola fundamental, onde a professora costuma fazer distinção entre os interlocutores ratificados e não-ratificados, a cabeça e o corpo da professora geralmente se voltam para a pessoa para a qual se dirigiu, e seu alinhamento muda conforme muda o foco de atenção (Philips, 2002, p. 28).

Outra forma de ratificação do ouvinte é percebida pelo olhar do falante. Na sala de aula, geralmente, o professor dispensa maior tempo para olhar o aluno ratificado do que para o não ratificado. Além das formas de ratificações não verbais, há as verbais em que o falante se manifesta para confirmar a qual interlocutor sua fala é endereçada. Contudo, o “encadeamento” entre as elocuções e a identificação pelo nome são formas relativamente frequentes de reconhecer a quem a fala está sendo dirigida.

Não se pode deixar de considerar que o ouvinte, também, de alguma forma, corresponde ao falante. Assim, os interlocutores ratificados e não ratificados comportam-se de forma diferente em relação ao falante. Os primeiros, segundo Philips (2002), geralmente fixam o olhar no falante com maior frequência e por maior tempo do que os segundos. Esse comportamento sinaliza ao falante que ele está sendo ouvido. Ressalta que em sala de aula é muito comum que alguns alunos a quem o professor não está dirigindo a palavra tenham um comportamento colaborativo, o que de certo modo incentiva o professor a selecioná-los como ouvintes ratificados. Contudo, isso não ocorre apenas nesse contexto, há possibilidade de ocorrência em ocasiões diversificadas, levando o falante a mudar seu foco de atenção para o interlocutor não ratificado, reconhecendo o seu comportamento colaborativo, elevando-o ao nível da ratificação.

A ordenação da fala, assim como a estrutura de uma interação face a face, pode ser determinada pela relação entre falante e ouvinte, tendo o interlocutor um papel essencial na dinâmica interacional. Philips (2002, p. 31), ao descrever a ordenação da fala anglo-americana, mencionou que

Um interlocutor ratificado controla a interação através da sua decisão de prestar ou não atenção àqueles que o escolhem como locutor ratificado. Sua influência pode ser ainda maior quando duas pessoas começam a importuná-lo ao mesmo tempo, e ele precisa escolher entre uma das duas. Um falante contribui para a ordenação da fala ao selecionar seu interlocutor ratificado; ele determina quem irá controlar seu turno de fala ao escolher prestar ou não atenção nele. Um falante também tem influência sobre quem vai ser o próximo a falar, porque é provável que, quando ele terminar de falar, o seu interlocutor ratificado seja o próximo a falar. Além disso, um falante pode ou não responder ao que o falante anterior disse, determinando assim se a elocução do falante anterior será incorporada na sequência interacional.

Embora o interlocutor tenha grande influência na ordenação da fala, o falante, pela sua seleção, assume uma função importante, pois ajuda a definir quem controlará o turno uma vez que

o seu comportamento durante a interação vai possibilitar a percepção de quem é o endereçado. O falante pode direcionar o seu olhar, pode apontar para quem ele quer que responda, dentre outras possibilidades de ratificação do interlocutor.

ENQUADRE E ALINHAMENTO

Para Goffman (1974), enquadre é uma espécie de esquema que organiza as atividades na vida de cada indivíduo, não se tratando aqui de esquemas cognitivos, mentais, mas do modo pelo qual se organiza um aspecto da atividade humana. É a partir dessa noção que é possível dizer que as pessoas assumem papéis sociais diferentes e cada papel apresenta suas especificidades. Pressupõe, portanto, a existência de direitos e de obrigações. O conceito de enquadre está relacionado à organização da experiência de vida. Refere-se a estruturas de expectativas que influenciam a forma de interpretação, de reinterpretação e de categorização dos eventos sociais.

Segundo Reis (2004), os interlocutores não só enquadram sua fala, globalmente, como um tipo de atividade, mas também enquadram cada momento da fala. Assim, enquadre é concebido como um instrumento que apresenta estruturas e processos sociais que emergem na fala para se entender fatores macro e micro interacionais.

O conceito de *alinhamento*⁶ foi introduzido por Goffman (1974), considerando a noção de *enquadre* proposta por Bateson (1972). Utilizando-se do conceito de *enquadre*, Goffman estabelece relações entre os papéis sociais na interação, em que os envolvidos buscam estratégias de compreensão um do outro e da própria situação. É nesse contexto que se pode associar o *alinhamento* ao conceito de *face*, entendida como a imagem que se reclama para si, “imagens do eu em termos sociais aprovados” (Goffman, 1967, p. 5). Assim, acredita-se que o *alinhamento* é uma forma de exercer a *face*, que, para isso, depende de um *enquadre* para se definir.

Os *enquadres* são construídos a partir de atributos sociais aprovados e compartilhados por um determinado grupo. É em razão dele que o sujeito seleciona suas estratégias e meios para interagir com o outro, seja uma pessoa ou um grupo social. Assim, o *alinhamento*, ou *footing*, será resultado da seleção de papéis condizentes com a situação particular e com o processo social interativo, em que o sujeito projetará um eu, com base naquilo que espera e que julga que o outro tenha sobre os interagentes naquela situação.

Dentro dos *enquadres* que dispõem dos valores, dos direitos e das obrigações, os sujeitos se apropriam daqueles que acreditam ser mais adequados ao esquema socialmente construído, levando em conta o interlocutor a quem se dirige. Para se coadunar ao contexto social construído, exerce um trabalho de *face*, pois, assim como pode mantê-la e preservá-la, pode perdê-la, se não souber escolher os atributos adequados àquela situação. Deve-se ressaltar que, no momento da interação, o ‘eu’ projeta sua imagem de acordo com um ‘tu’, mas essa imagem não é fixa, é constantemente negociada e ajustada.

⁶ Texto original: 1. Participant's alignment, or set, or stance, or posture, or projected self is somehow at issue. 2. The projection can be held across a strip of behavior that is less long than a grammatical sentence, or longer, so sentence grammar won't help us all that much, although it seems clear that a cognitive unit of some kind is involved, minimally, perhaps, a "phonemic clause" Prosodic, not syntactic, segments are implied. 3. A continuum must be considered, from gross changes in stance to the most subtle shifts in tone that can be perceived. 4. For speakers, code switching is usually involved, and if not this then at least the sound markers that linguists study: pitch, volume, rhythm, stress, tonal quality. 5. The bracketing of a "higher level" phase or episode of interaction is commonly involved, the new footing having a liminal role, serving as a buffer between two more substantially sustained episodes.

Segundo Malufe (1992), geralmente os sujeitos da interação coadunam seus papéis sociais de acordo com os *enquadres* em que estão inseridos, contudo podem, por vezes, assumir papéis incompatíveis com uma determinada situação, exigindo do interlocutor um novo posicionamento, ou um novo *alinhamento*.

Esse ‘re-alinhamento’, muitas vezes, precisa ser exercido por meio de estratégias de interação, para garantir o equilíbrio e a cooperação entre os interagentes. Nesse sentido, a polidez linguística ocupa uma função primordial, pois permite uma negociação entre as faces e contribui para o *alinhamento* adotado pelos participantes na interação. Essas estratégias podem atuar como atenuantes, como marcadores das distâncias sociais entre os sujeitos. Além disso, as estratégias podem funcionar como indicadoras de algum tipo de *alinhamento*, uma vez que sinalizam ao interlocutor os papéis que estão em evidência para que este não incorra em equívocos.

Goffman (2002b, p. 113), após ilustrar o conceito de *footing/alinhamento*, assim resumiu as suas mudanças (de *footing*):

1. Alinhamento, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante está de alguma forma em questão.
2. A projeção pode ser mantida através de um trecho de comportamento que pode ser mais ou menos longo ou mais ou menos curto do que uma frase gramatical, de modo que a gramática frasal não será de grande ajuda, embora pareça claro que alguma forma de unidade cognitiva está minimamente presente, talvez uma “oração fonêmica”. Estão implícitos segmentos prosódicos, não segmentos sintáticos.
3. Deve ser considerado um *continuum* que vai das mais evidentes mudanças de posicionamento às mais sutis alterações de tom que se possa perceber.
4. Quanto aos falantes, a alternância de código está comumente presente e, se não está, estarão presentes ao menos os marcadores de som que os linguistas estudam: altura, volume, ritmo, acentuação e timbre.
5. É comum haver, em alguma medida, a delimitação de uma fase ou episódio de nível “mais elevado” da interação, tendo o novo *footing* um papel liminar, servindo de isolante entre dois episódios mais substancialmente sustentados.

Como se pode perceber, há uma estreita ligação entre *enquadre* e *alinhamento*. A projeção pessoal, o *alinhamento*, está suscetível a adaptações condizentes ao meio, às situações de interação, e o *enquadre* permite uma interpretação mais ampla que vai além da superfície, além do sentido literal atribuído pela língua. O alinhamento, então, é representado por uma visão de *continuum* que pode ir desde as mudanças mais proeminentes às mais sutis.

Por meio dos enquadres, os interagentes podem definir uma situação; verificar como uma parte está relacionada ao todo; como ‘o todo’ se relaciona a uma ampla estrutura de experiência; perceber que um momento anterior pode afetar o que está por vir; e que o sentido da mensagem é interpretado de acordo com o enquadre de sua enunciação. Elementos como tom de voz, sons, ritmos e timbre são apontados por Goffman (1981) como importantes para demarcar as mudanças de alinhamento. Da mesma forma que considera os diferentes papéis assumidos pelos falantes e pelos ouvintes necessários para a compreensão da mudança de alinhamento.

Para Goffman (2002a), a mudança de alinhamento está, de certa forma, atrelada à linguagem, ressalta que a mudança de código pode acarretar uma mudança no alinhamento, no entanto, não é condição essencial para que ela ocorra. A orientação corporal, o tom de voz e as demais circunstâncias que envolvem um processo interativo são partes da comunicação textual e facilitam a identificação da mudança de código, ainda que os sujeitos utilizem a mesma língua.

Bateson (2002) também se preocupou em entender os princípios organizadores do discurso, especialmente a noção de enquadre (*frame*), proposta por ele como um conceito psicológico e de natureza paradoxal. Para esse autor, o enquadre, ou *frame*, é concebido como um conjunto de instruções direcionadas ao interlocutor de modo que facilite o entendimento de uma mensagem, como se fosse uma ‘moldura’ (*frame*) e representa um conjunto de instruções fornecidas ao observador para onde deve direcionar o olhar. Nessa visão, a interpretação de um enunciado precisa estar em conjunção com a metamensagem sugerida pelo ‘quadro’, ou seja, a compreensão do enunciado não ocorre sem a referência à metamensagem do ‘quadro’, pois essa delimita “a classe ou o conjunto de mensagens ou ações significativas” (Bateson, 2002, p. 85). Caso o falante tenha um quadro que sinaliza brincadeira, ironia, entre outros meios que modificam o ‘olhar’ do interlocutor, o enunciado é capaz de ser interpretado a partir de uma visão oposta ao que o falante diz, literalmente.

Quando se trata da interação verbal, é muito comum se reduzir a ‘conversa’ a dois participantes: o falante e o ouvinte. Essa concepção bastante corrente advém do fato de se dar centralização apenas ao *som*, desconsiderando os outros elementos organizacionais⁷ como a visão, o espaço existente entre os interagentes e até o tato.

Contudo, a constituição do par ‘falante’ e ‘ouvinte’ não consegue abarcar a complexidade existente nos eventos interativos, pois, ainda que certas vezes a interação preveja apenas dois componentes, a situação em que estão inseridos pode apresentar muito mais envolvidos. O ouvinte desempenha um papel conquistado no desenvolvimento da interação. Cabe a ele examinar o que o falante diz, assim como acompanhá-lo e escutá-lo. Segundo Goffman (2002b, p. 118), o ouvinte deve “[...] atender à condição oficial de participante ratificado no encontro, pois podemos estar ouvindo, mesmo tendo um espaço social reconhecido na fala, e isso apesar das expectativas normativas do falante”.

Como existe o participante ratificado, confirmado e reconhecido numa determinada interação verbal, existe também aquele que faz parte do mesmo contexto espacial daquele que fala e daquele que ouve, mas não interfere no evento comunicativo principal/oficial, sendo um participante *não ratificado*, ou seja, não é para ele que a palavra é dirigida; quando um participante ocupa o contexto espacial, sem que as palavras lhes sejam dirigidas, tem-se um “intrometido”. Em síntese “um participante ratificado pode não estar escutando, e alguém que esteja escutando pode não ser um participante ratificado” (Goffman, 2002b, p. 118).

Outrossim, o “ouvinte ratificado é necessariamente o ‘endereçado’, ou seja, aquele a quem o falante remete a sua atenção visual e para quem espera eventualmente passar o papel de falante” (Goffman, 2002b, p. 119). Contudo, as interações não se restringem à participação de dois interagentes, com frequência se deparam com três, quatro ou mais participantes oficiais em um evento comunicativo. Para facilitar a comunicação entre eles, cabe ao falante diferenciar o interlocutor “endereçado” e “não endereçado”.

Como foi mencionado, as interações podem ocorrer em um grupo, não necessariamente entre duas pessoas. Goffman (2002b) registrou vários tipos de participantes, como “oficiais”, “endereçados” ou “não endereçados” e outros como os “eventuais” ou “circunstâncias” e os “intrometidos”. Para esses últimos, fica patente a necessidade de considerar a questão ética, a de ouvir

⁷ O foco apenas nos elementos polarizadores da fala e da audição deixa de considerar o que há de mais rico na interação, a movimentação das palavras proposta pela emissão e recepção das informações, a posse da palavra da troca de turnos, os elementos visuais e paralingüísticos.

algo que não está direcionado para si, de se manifestar quando ninguém o autorizou a falar. Da mesma forma, é mister acionar para esse contexto as estratégias de polidez. O *circunstante*, mesmo ouvindo a conversa, deve demonstrar agir como se não estivesse ali, evitar, também, que com uma intromissão a face do ‘falante’ seja ameaçada, criando um possível conflito.

A concepção tradicional de falante/ouvinte, como já dito anteriormente, é complexificada quando se considera a relação entre falante, interlocutor endereçado e interlocutor(es) não endereçado(s), ampliando-se as possibilidades de realização estrutural, pois é pouco provável que os turnos sejam divididos igualmente para cada participante. Essa nova configuração da fala viabiliza o aparecimento de uma “comunicação subordinada”, entendida como uma conversa em que os envolvidos (protagonistas, o tempo e o tom) organizam-se de forma a produzir interferência reconhecidamente limitada com relação à “comunicação dominante”.

Uma comunicação subordinada ocorre sempre associada a um estado de fala principal ou dominante, as pessoas envolvidas geralmente usufruem de liberdade de interação, sem necessidade de esconder o que estão comunicando. A partir desse tipo de interação, Goffman (2002b) apresentou três formas básicas de realização, que são: “o jogo paralelo”;⁸ “o jogo cruzado”;⁹ “o jogo colateral”.¹⁰

Essas três formas de variação de comunicação subordinada mencionadas ainda podem sofrer modificações, quando há, por parte dos interagentes, o interesse de dissimular a comunicação subordinada, resultando no que se chama “conluio”.¹¹ Assim, há possibilidade de existir, “jogo paralelo em conluio” ou “jogo colateral em conluio”.

A mudança de alinhamento pode ser exercida por diversos elementos, tais como: o tom de voz, os sons, os ritmos, o timbre, entre outros. Goffman (2002b) diz que, para compreender a mudança de alinhamento, é necessário considerar os diferentes papéis que o falante e o ouvinte ocupam na interação. Esses papéis variam de *autor*, *animador* e *responsável* em relação a quem enuncia, contudo, eles podem ser atribuídos a sujeitos diferentes ou ao mesmo sujeito, ou seja, um mesmo sujeito pode concomitantemente exercer os três papéis. É o fato de ele exercer os três papéis em uma mesma interação que implica mudança de alinhamento.

O *autor* é aquele que cria o enunciado, que articula mentalmente as ideias que quer expressar, já o *animador* é alguém que enuncia, que produz os sons que veiculam o enunciado. O *responsável*, por sua vez, é alguém que está comprometido com as palavras expressas. Deve-se considerar que o mesmo sujeito pode rapidamente mudar o papel social que ocupa, mesmo que sua função como animador e autor permaneça constante. Essas mudanças podem se dar por alternância de códigos, embora ela não seja um elemento determinante para a mudança de papéis. Goffman (2002b) ressalta que, se as noções de *animador*, de *autor* e de *responsável* forem tomadas juntas, podem tornar mais claro o “formato de produção” de uma dada elocução.

É muito comum que um falante enuncie algo que surgiu de sua própria cosmovisão de mundo e se responsabilize pelo que foi enunciado. Nesse sentido, diz-se que ele foi concomitantemente o *animador*, o *autor* e o *responsável*. Mas isso não é sempre assim, pode-se falar pelos outros e nas palavras dos outros e não estar comprometido. Algumas vezes, pode até haver comprometi-

⁸ É a comunicação subordinada que envolve um subgrupo de participantes ratificados.

⁹ Os interagentes são de categorias diferentes, um é participante ratificado e o outro é circunstante.

¹⁰ Envolve apenas circunstâncias, que murmuram entre si alguma informação.

¹¹ É realizado de várias maneiras: pela dissimulação da comunicação subordinada, pela simulação de que as palavras não ouvidas pelos excluídos são inócuas, ou pelo uso de palavras alusivas, ostensivamente dirigidas a todos os participantes, mas cujo significado adicional só será entendido por alguns (Goffman, 2002b, p. 121).

mento com as ‘palavras dos outros sem ser o autor’. Em síntese, não é possível afirmar que sempre se fala as próprias palavras e que se assume a posição atestada por elas.

METODOLOGIA

Os dados analisados neste trabalho foram coletados em uma pesquisa de campo, realizada pelo Grupo de Pesquisa Variação e Processamento da Fala e do Discurso: análises e aplicações (PROFALA/UFC), com o objetivo de constituir um *corpus* do português falado nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e no Timor Leste. O *corpus* é constituído de entrevistas de 120 estudantes, com idade entre 18 e 25 anos, falantes de português, oriundos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, sendo 20 estudantes de cada país considerado.

As entrevistas, aplicadas a estudantes dos cursos de graduação da UFC (do Programa Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G)) e da UNILAB, foram realizadas utilizando os questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), adaptados para atender a diferenças linguísticas e culturais dos participantes estrangeiros. Depois de gravadas, as entrevistas foram transcritas grafematicamente, seguindo o modelo de transcrição para registro de textos orais, de Marcuschi (2002).

A amostra foi constituída de 20 entrevistas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), estratificadas conforme as variáveis: procedência, gênero (homem e mulher) e tempo de permanência no Brasil (mais de seis meses e menos de seis meses). Os documentadores eram brasileiros, estudantes e professores da graduação ou da pós-graduação, com *status* privilegiado no que diz respeito à língua, pois têm o português como língua materna. Já os entrevistados eram alunos estrangeiros, com pouco ou médio tempo de permanência no Brasil, e falavam o português como segunda (ou terceira) língua.

O formato das entrevistas seguiu o padrão pré-estabelecido no Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB. Embora seja um questionário que poderia sugerir respostas fechadas e demonstrar certa objetividade e formalidade, o que sugeriria menor possibilidade de uso de polidez, optamos por analisar o QFF, por caracterizar-se pela maior dinâmica ocasionada pela busca do termo fonético-fonologicamente esperado, devido às especificidades sugeridas por esse tipo de pesquisa. Além de possibilitar maior dinâmica na troca dos turnos, os interagentes pareciam estar bem engajados na busca dos mesmos objetivos.

Na análise, à medida que descrevemos as estruturas, analisamos o alinhamento dos participantes das interações, considerando exemplos extraídos do *corpus* e organizados sequencialmente por fragmentos. Nesses exemplos, obedecemos a algumas convenções, tais como: representação de falas simultâneas [[, sobreposição de vozes [; sobreposição localizada []], pausas (+) ou (2.5); dúvidas ou suposições (); truncamentos /; ênfase ou acento MAIÚSCULA; alongamento de vogal; silabação ---; sinais de entonação ", ', ; repetições, pausa preenchida eh, ah, oh, ih, áham, entre outros (Marcuschi, 2002). Já o entrevistado é identificado, como no exemplo 68H-CVQFF, com o número da entrevista (68), a procedência (CV= Cabo Verde), o sexo (H= homem) e o tipo de questionário aplicado (QFF= Questionário Fonético Fonológico).

RELAÇÃO ENTRE DOCUMENTADORES E ENTREVISTADOS NA ESTRUTURA DE PARTICIPAÇÃO DAS ENTREVISTAS DE PESQUISA

No desenvolvimento da pesquisa, muitas vezes, os entrevistadores deixaram o papel de *animadores* e se tornaram *autores*, criando uma dinâmica de participação que tornou necessária a mudança de alinhamento do entrevistado, sem perder de vista as estratégias de preservação da imagem, e da polidez linguística.

Na análise, constatamos que a relação entre documentador e informante pode alterar a estrutura de participação da interação dependendo do tipo de resposta dada pelo informante, sendo esses papéis identificados pelos marcadores conversacionais utilizados. Verificamos cinco tipos de estruturas, sobre as quais nos debruçaremos agora.

TIPO 01: documentador 01+ documentador 02 + entrevistado

A identificação como Doc1 (documentador 1) e Doc2 (documentador 2) é definida de acordo com a ordem de aparição e com o papel de cada um deles na entrevista, ou seja, o documentador 1 é aquele que inicia a entrevista e que a desenvolve majoritariamente. O documentador 2 manifesta-se posteriormente e exerce um papel secundário dentro da interação, pois aparece menos e é conduzido hierarquicamente pelo Doc1. Já o entrevistado é o participante a quem as perguntas são dirigidas.

No tipo 01, os interagentes, Doc1 e entrevistado, são imediatamente ratificados, uma vez que alternam claramente o turno de fala, com base na relação pergunta-resposta, característica da assimetria existente nas entrevistas, em que o Doc2, faz anotações, acompanha os movimentos do entrevistado e do Doc1.

Fragmento 01:

Doc1: hoje 31 de julho de 2012 estamos em Redenção e vamos entrevistar (++) o Raul de Cabo Verde' Raul qual é o tipo de moradia mais comum aqui da região" →(autor)

68H-CVQFF: (++)

Doc1: você mora em quê" →(autor)

68H-CVQFF: moro em casa assim normal

Doc1: isso/ i onde se constrói uma casa" →(animador)

68H-CVQFF: (++)

Doc1: você precisa de um pedaço de terra pra construir uma casa' como é o nome desse pedaço de terra" → (animador)

68H-CVQFF: (+) terreno

Doc1: i:: (2.0) como é o nome desse móvel que a gente fixa na parede pra colocar objetos" →(animador)

68H-CVQFF: aqui a gente chama estante

Doc2: tem outro nome" →(autor)

68H-CVQFF: conheço só por estante

Doc1: e:/certo (autor) qual o nome do aparelho onde se pode ver novela é/ 'jogo' programa →(animador)

68H-CVQFF: ((incompreensível))

No fragmento 01, o documentador iniciou a entrevista com caracterização do entrevistado, preocupou-se em registrar a data e a localização, para em seguida prosseguir com a documentação do evento. Nessa situação, o início da entrevista mostrou o papel desenvolvido pelo documentador, em que sobressaiu inicialmente o papel de *autor*. Logo em seguida, contudo, toma uma posição de *animador* do discurso pré-elaborado pelo QFF.

Embora, no questionário QFF, seja mais frequente a participação do *animador*, nesse fragmento, o papel de *autor* encontra-se praticamente equiparado ao de *animador*, revezando-se nos turnos de fala. Caracterizou-se como *animador* na manifestação da fala pautada pelo questionário e como *autor* quando se observa a reformulação ou a inovação para alcançar a resposta adequada, tomando como referência o questionário aplicado.

TIPO 02: documentador 01+ entrevistado + ouvinte não ratificado

No tipo 02, há uma fusão entre Doc1 e Doc2 compondo um binômio com o entrevistado. Nesse tipo de estrutura, observamos que os documentadores agiram como se fossem um só, em que a pergunta e/ou a participação do Doc2 é um prolongamento da do Doc1 e vice-versa.

Fragmento 02

Doc1: (++) antigamente para passar roupa usava-se ferro a brasa(+) hoje qual o tipo de ferro que se usa” →(animador)

16H-CVQFF: ferro eletrônico

Doc1: Tem outro nome” →(autor)

16H-CVQFF: Ferro de engomar”/ ferro de passar

Doc2.: Parecido com eletrônica (++) →(autor)

16H-CVQFF: Ferro eletro:::nica (++) um ferro que usa agora”/ pessoal tão usando”

Doc1: [[isso →(autor)

Doc2: [[Sim::/exatamente →(autor)

No fragmento 02, notamos que os documentadores 01 e 02 apresentaram uma significativa sincronia, de modo que suas falas são complementares, seguem uma unidade de sentido. Por vezes, poderíamos imaginar que Doc1 e Doc2 seriam a mesma pessoa, se não houvesse o recurso de registro da voz “Doc2: Sim / Doc1: [/exatamente/ a mesma coisa que eletrônica (+++)” ou “Doc1: [[isso Doc2: [[Sim::/exatamente”. Os documentadores falam simultaneamente, utilizando-se de marcadores com conteúdos semânticos semelhantes, demonstrando concordância com o entrevistado.

Na interação com o entrevistado, observamos que tanto por parte dos documentadores quanto dos entrevistados, há uma preocupação em desenvolver, manter a cooperação, o respeito e fazer fluir a entrevista. O Doc1, no papel de *animador*, perguntou algo que o entrevistado 16H-CVQFF não conseguiu responder imediatamente, mas, em nenhum momento, disse-lhe com clareza que sua resposta estava ‘errada’, preferindo usar meios como “tem outro nome?”, “parecido com eletrônica”, para dizer que a resposta inicial não era satisfatória, o que em polidez linguística pode-se interpretar como *inclusão, manutenção do ouvinte na interação*, atribuindo um alto valor à sua opinião, aceitando as opiniões do ouvinte.

Já o entrevistado 16H-CVQFF parece cooperativo, tenta uma resposta inicial que não é confirmada pelos documentadores. Em forma de pergunta, tentou novamente: “ferro de engomar?”, resposta que também foi refutada. A resposta em forma de pergunta parece demonstrar uma preo-

cupação em proteger a face, pois ao perguntar, eximiu-se da afirmação de veracidade, mas garantiu a sua participação na interação, demonstrando o alto valor atribuído aos “interesses” do interlocutor.

TIPO 03: documentador 01+ documentador 02 + entrevistado + ouvinte não ratificado ou circunstante

No tipo 03, o papel do documentador 01 é desencadear a interlocução, fazê-la seguir. O documentador 02 tem um papel ativo, contribui significativamente na busca das respostas, oferecendo orientações ao entrevistado para facilitar que este encontre a palavra adequada, sempre orientando-o a não se preocupar se não souber responder ao que for solicitado. Neste tipo, o ouvinte não ratificado ou circunstante só é identificado por uma intromissão ou por alguma referência feita a ele.

Fragmento 03

Doc1: uma pessoa lhe conta um fato que você acha que não é verdade (+) você diz que é u:ma” → (animador)

4H+CVQFF: men-ti-ro-sa ((voz baixa))

Doc1: CERTO/ e o que a pessoa contou é u:ma → (autor)

4H+CVQFF: mentira

Doc1: nas festas de igreja que nome tem a caminhada que o povo faz” →(animador)

4H+CVQFF: procissão

Doc1: tá/ → (autor) o santo casamenteiro que se festeja no dia 13 de junho” → (animador)

4H+CVQFF: ((silenciou))

Doc1: que as mulheres/ aquelas que são::: / ontem foi né? → (autor)

Doc2: AH/ (())

CIRCUNSTANTE: não ontem foi treze

Doc1: é:: algumas moças aqui elas é/ é uma superstição né” → (autor)

4H+CVQFF: ((silenciou))

Doc1: fazem promessa pra esse santo pra ele/ pra ele → (autor)

4H+CVQFF: [desencalhar

Doc1: [DESENCALHA::R ((com muito entusiasmo))/ → (autor)

Doc2: conhece bem né” → (autor) brincadeira

Doc1: você lembra o nome desse santo” ((rindo)) → (autor)

4H+CVQFF: (acredito) que não ((rindo))

No fragmento 03, constatamos a existência de dois documentadores, identificados como Doc1 e Doc2, além do entrevistado. No decorrer da interação, no entanto, uma pessoa que permanecia calada durante quase toda a entrevista decidiu intervir na interação. Embora fosse uma ouvinte não ratificada, deixou de exercer o seu papel de plateia e se manifestou, produzindo o que se chama em análise interacional de “intromissão”. Esse tipo de estrutura foi o menos frequente, pois exige a participação de um maior número de membros (dois documentadores, um entrevistado e um circunstante). Notamos que a interação ocorreu principalmente entre o Doc1 e o entrevistado e que o Doc2 ocupou uma posição secundária. O que ocorre certas vezes é de um documentador exercer o papel de circunstante durante a entrevista, constituindo outra variação na estrutura de participação dos interagentes, a do tipo 04.

Verificamos, também, que a mudança de papel exercido pelo documentador está condicionada à mudança do enquadre entrevista (pergunta – resposta), para um enquadre de esclarecimento, em que os documentadores assumem um papel de autores e passam a oferecer pistas, para que o entrevistado associe as características dadas e denomine a temática do tópico apresentado pelo documentador/animador. O enquadre de esclarecimento é sobreposto por um enquadre de brincadeira no qual o entrevistado surpreende pelo uso de uma palavra de forte tendência idiomática (ou regional) “desencalhar”, que é repetida entusiasticamente pelo documentador/autor. O Doc2, também no papel de autor, continua a brincadeira provocando o entrevistado, que responde sorrindo. O conhecimento do vocabulário tipicamente brasileiro constitui por parte do entrevistado uma estratégia de *identificação de grupos*.

Nesse fragmento, observamos a ausência de marcadores na fala do documentador/animador e a utilização do marcador de busca de aprovação “tá” e “né”, tanto pelo Doc1 quanto pelo Doc2, ambos no papel de *autor*. Esse marcador incide sobre a pergunta do “santo casamenteiro”, demonstrando por parte dos documentadores a necessidade de aprovação, de concordância e cooperação, seguindo os princípios defendidos por Grice (1982). O entrevistado 4H+CVQFF, por sua vez, manteve-se em silêncio por não conhecer a resposta, preservando sua face positiva e elevando o respeito dos interlocutores. Somente se manifestou quando sentiu que poderia contribuir com a resposta “desencalhar”, mostrando reciprocidade com os documentadores/animadores.

TIPO 04: documentador 01 + entrevistado + circunstante

No tipo 04, o documentador 01 e o entrevistado formam um par adjacente e apresentam uma proximidade física. A interação ocorre primordialmente entre quem pergunta e quem responde, contudo se percebe a presença de um ouvinte (não ratificado) por meio das palavras mencionadas pelo documentador, que utiliza o nome da pessoa para criar situações que visem ao entendimento da pergunta realizada. Na maior parte da entrevista, esse ouvinte figura como plateia, como se pode perceber no fragmento 04.

Fragmento 04

Doc 1: qual é o contrário de pouco”

54M-CVQFF: muito

Doc1: se você pedir emprestado da Isadora certo” quinhentos reais tá certo” e não pagou então é::: eu posso dizer assim que você/ ou simplesmente a Isadora pode chegar com você e dizer assim é:: Jacira você me →(autor)

54M-CVQFF: deve' deveu

Doc1: não' é assim mesmo você me' →(autor)

54M-CVQFF: deve ((risos))

Doc1: quinhentos reais →(autor)

54M-CVQFF: sim/me deve quinhentos reais

Nesse tipo de estrutura, a assimetria existente entre o documentador e o entrevistado parece ser bem maior do que nas outras. Aqui, o documentador conduz a entrevista, dita a hora de falar e completa a sentença proferida pelo entrevistado. Seu papel de *animador* é frequentemente substituído pelo de *autor*, pois deixa de reproduzir as perguntas elaboradas pelo questionário e recria, dá exemplos, incentiva o entrevistado a falar. O Doc1 busca aprovação por meio de marcadores

conversacionais como “certo” “tá certo”, usa o nome da circunstância para exemplificar e contextualizar a pergunta reelaborada, sendo, então, *autor*. Como *autor* que vê sua face positiva valorizada, usa atenuadores: “...eu posso dizer assim que você/ ou simplesmente a Isadora pode chegar com você e dizer assim é:: Jacira você me::”, discorda do entrevistado com muita delicadeza. O uso de alongamentos ajuda a mostrar o zelo que o documentador/autor tem pelo seu interlocutor, evitando invadir seu território, o que ameaçaria a face negativa da ouvinte.

ESTRUTURA DE PARTICIPAÇÃO NA INTERAÇÃO ENTRE DOCUMENTADORES E ESTUDANTES CABO-VERDIANOS

Segundo Goffman (1981), as mudanças de alinhamento são inerentes às interações e resultam em diferentes formas de projeção e postura que os interagentes assumem no decorrer da interação. De acordo com o autor, a estrutura de participação é resultante das mudanças de alinhamento e se distribuem em três tipos: por formato de produção; por estrutura de participação e por mudança de *frame*.

Nesta seção foram analisadas as estruturas de participação observadas nas entrevistas. Para realizar tal intento, foi necessário considerar vários aspectos, tais como os modos de organização da interação verbal que está se desenvolvendo, quem está envolvido, em que momentos e/ou situações ele participa, de que modo participa, em função de que participa, quem organiza a interação e de que forma esta é organizada. Outro aspecto a considerar são os papéis que os participantes podem assumir no processo interacional, quando são postos numa interação face a face.

Documentador como animador em entrevistas com cabo-verdianos

As entrevistas analisadas na presente pesquisa seguem uma estruturação, considerando que foram realizadas a partir de um questionário, em que as perguntas são elaboradas previamente, por escrito, cabendo ao documentador a tarefa de verbalizar essas perguntas, assumindo, então, o papel discursivo de *animador*. Este é caracterizado por Ribeiro e Garcez (2002) como *quem emite a voz*, sendo assim o ser que anima, que dá vida ao enunciado.

No QFF, observamos que o papel de *animador*, previsto pela natureza da pesquisa, que consiste em aplicação de questionário, manifesta-se quando o entrevistado consegue responder idealmente à pergunta que lhe é feita, criando uma sequência de pergunta/resposta, em que a interação é construída com maior objetividade e formalidade, próprias dos textos caracterizados pela “escrituralidade” (Hilgert, 2007), como se pode notar no fragmento 05.

Fragmento 05

Doc1: quando se compra uma televisão ela vem dentro de quê” →*animador*

19H+CVQFF: de uma caixa

Doc1: Objeto com que se corta tecido” →*animador*

19H+CVQFF: tesoura

Doc1: um copo pequeno é um copinho e uma cama pequena é o quê? →*animador*

19H+CVQFF: uma caminha

Doc1: aquilo que se recosta a cabeça para dormir” na ca:ma” → *animador*

19H+CVQFF: é travesseiro

No fragmento 05, é possível perceber a alternância entre o Doc1 (*animador*) e o entrevistado 19H+CVQFF: as perguntas são reproduzidas, verbalizadas, e o entrevistado responde com a palavra “ideal”, prevista pelo Questionário Fonético-Fonológico, cabendo-lhe total responsabilidade sobre a resposta dada. O comportamento do entrevistado ditou o do documentador: enquanto a resposta dada ao documentador estava dentro da previsão do QFF, este manteve-se como *animador*; quando a pergunta não foi contemplada, adotou um novo papel, o de *autor*.

No papel de *animador*, notamos que, embora se utilizem poucos marcadores que explicitem o tratamento de concordância, assentimento, argumentação, entre outros que contribuam para a deferência e a harmonia interacional, a forma de condução das perguntas mostra a preocupação com a face positiva, com o desejo de ser admirado como um anfitrião, que evita conflito, que respeita as fragilidades alheias.

O alinhamento do documentador como *animador* confirma parcialmente a hipótese inicial de que esse papel apresentaria ausência de marcadores, devido à elaboração prévia das perguntas do questionário e pela influência da escrita. Ainda assim, é possível observar a existência de marcadores que buscam a aprovação do ouvinte, como “né?”,¹² inseridos nos enunciados, conforme se constata no fragmento 06.

Fragmento 06

Doc1: aquela água de chuva **né** que fica parada num buraco da rua ou no meio da estrada” como é que vocês chamam” →(animador)

73H+CVQFF: é poça

Esse fragmento, que resulta da manifestação do documentador/animador, revela maior formalidade e menor envolvimento com o que é dito, uma vez que foi concebido por outra pessoa. Por essa razão mostra condições de distanciamento, que “[...] engendra textos caracterizados pela *escrituralidade*, isto é, pela ausência, em maior ou menor grau, de traços da fala” (Hilgert, 2007, p. 69).

Documentador como autor em entrevistas com cabo-verdianos

A princípio, os entrevistadores assumem o papel de animadores do discurso, uma vez que dão vida às perguntas dos questionários. No entanto, no decorrer das entrevistas, desenvolvem uma dinâmica diferente em que passam a ser *autores*, quando recriam ou constroem novas formas para facilitar as respostas do entrevistado às questões propostas. No fragmento 07, observa-se essa mudança de alinhamento, em que o *documentador/animador* passa a ser *documentador/autor*. Essa mudança parece estar condicionada à estratégia de se criar uma forma de interação que ultrapassa a relação pergunta-resposta.

Fragmento 07

Doc1: quando o feijão está seco' a pessoa que está cozinhando VA:I" →(animador)

19H+CVQFF: silenciou

Doc1: tá seco aí o que é que faz" → (autor)

19H+CVQFF: (jogar) água”

Doc1: *sim/mas* vai fazer o quê" → autor

¹² No contexto de leitura das questões das entrevistas, os marcadores parecem mais automatizados, com força ilocuционаria diminuída.

No fragmento 07, o Doc1 pergunta ao interlocutor/entrevistado o que se faz “quando o feijão está seco”, ou seja, quando o feijão está com pouca água (e corre o risco de queimar). Nesse turno exerce o papel de *animador*, dando vida ao enunciado proposto pelo questionário. O entrevistado 19H+CVQFF, inicialmente, se mantém calado, evitando responder talvez por não ter certeza da resposta, o que provoca a mudança de alinhamento do documentador e o faz assumir um papel de *autor*, no qual refaz a pergunta e, desta vez, o entrevistado arrisca uma resposta “(jogar) água”, que novamente não satisfaz o documentador. Embora insatisfeito com a resposta, o Doc1 negocia utilizando um marcador de concordância “sim” ao qual logo acresce outro de discordância “mas”, produzindo uma adversidade. Essa estratégia, inicialmente, preserva a face positiva do interlocutor, pelo fato de a resposta não estar totalmente inadequada, mas busca manter a sua própria face, pelo desejo de mostrar sinceridade.

Nesse novo papel, o documentador exerce uma função mais ativa, pois cria, reformula, interage com mais espontaneidade, usa uma linguagem mais informal, para tentar despertar a memória do entrevistado. É nessa nova configuração que o uso de marcadores conversacionais se torna mais abundante, pois além de *autor* passa a ser um *incentivador*, *negociador* das relações interpessoais na interação verbal.

A utilização de marcadores argumentativos, como “sim/mas vai fazer o quê”, pelo Doc1, gerou uma mudança de alinhamento em que o *documentador/autor* passou a estabelecer uma negociação, assumindo vários papéis como *incentivador*, *negociador*. Todos os papéis assumidos mostram uma preocupação com a própria face e com a dos interlocutores. O entrevistado 19H+CVQFF mostrou-se cooperativo para responder à pergunta do Doc1: silenciou, pensou, tentou novamente, mas não conseguiu chegar à palavra esperada pelo documentador. Mesmo quando a resposta não foi alcançada, o documentador conseguiu manter a harmonia da interação e retomar o seu papel de *animador*. Para tanto, usou a estratégia da *aprovação*, *da simpatia*, *do entendimento* e *da cooperação*, utilizando-se de marcadores visando preservar a face do seu interlocutor, tentando tirar-lhe o peso do “erro”.

OS ENQUADRES E OS PAPÉIS ASSUMIDOS PELOS INFORMANTES CABO-VERDIANOS

Nas entrevistas, os informantes ocupam um papel primordial, pois é a eles que as perguntas são endereçadas. Enquanto os documentadores alternam-se no papel de *animador* ou *autor*, os informantes conduzidos pelas perguntas, são frequentemente *autores/respondentes*. Detectaram-se, nas entrevistas, pelo menos quatro *enquadres* diferentes, que serão apresentados a seguir.

Enquadre 1: Enquadre das entrevistas (ou da aplicação do questionário)

Esse primeiro enquadre caracteriza-se pela forma mais convencional de aplicação de questionário, em que o documentador faz as perguntas e o informante responde, como se pode observar no fragmento 08.

Fragmento 08

Doc1.: o objeto onde se corta tecido”/ com que se CORTA tecido”
16H-CVQFF: te-sou-ra

Doc1.: um copo pequeno é um copinho (+) certo” e uma cama pequena”

16H-CVQFF: uma CAMINHA ((risos))

Doc1: aquilo onde se recosta a cabeça para dormir/na Cama

16H-CVQFF: Travesseiro

Nesse tipo de enquadre, o informante participa ativamente da inquirição do entrevistador, mostrando-se eficiente na tarefa de responder ao que lhe é proposto. Nesse modelo, efetiva-se a entrevista propriamente dita, aproximando-se da forma ‘ideal’ desse tipo de interação, em que há uma assimetria – o documentador gera o processo interativo e ao informante cabe a tarefa de responder.

O segundo enquadre, denominado, aqui, como de comentário, se instala quando o informante deixa de responder idealmente ao que o documentador pergunta e estabelece ponderações ou observações sobre o questionamento feito.

Enquadre 2: Enquadre de comentários

Fragmento 09

Doc1: E onde se constrói uma casa”

16H-CVQFF: Como se [[constrói”

Doc1: [[normalmente”

16H-CVQFF: Como assim” ((muito rápido))

Doc1: Onde se constrói uma casa”/ o que é preciso”

16H-CVQFF: (i a pessoa)

Doc1: [pri/prin-ci-pal-mente

16H-CVQFF: [[A base/ pa construir a base”/ pecisa de um pedreiro/pecisa de:: (+) pergunta fácil que parece difícil non” ((risos))

Doc2: Tudo fácil(+)

16H-CVQFF: É

Doc2: não se preocupe (+) e o que você não souber responder também não se preocupe

16H-CVQFF: Não/Mas a pergunta tão fácil que parece difícil né_((risos)) eu é: quando tem pergunta eh tão fácil/parece acho que é pegadinha né” ((risos))

Doc2: Sim::: ((risos))

Doc1: Aquilo é/ onde se coloca objetos em casa/lata de mantimen::to NÉ”

16H-CVQFF: as estantes/prateleiras”/estantes”

Nesse enquadre, a resposta esperada pelo documentador era a palavra “terreno”, contudo o entrevistado 16H-CVQFF demonstra não ter entendido a pergunta. Daí se cria uma interação acerca da própria relação pergunta-resposta, distanciando-se da entrevista/aplicação de questionário e elegendo outro tópico em comum, por meio de um comentário. Esse comentário trata da “falta de complexidade” das perguntas que, por vezes, podem parecer “pegadinhas”. Observamos, também, nesse enquadre, que o informante se preocupou com sua própria face e se justificou por se confundir nas respostas. Os documentadores mostram-se solidários ao informante pela avaliação da pergunta: “pergunta fácil que parece difícil non”, acompanhada de risos. Posteriormente, os documentadores reforçam a simplicidade das perguntas e orientam o informante a não se preocupar. Contudo, na elaboração da resposta, o entrevistado, muitas vezes, não comprehende a pergunta e tenta várias

respostas. Por outro lado, quando os documentadores constatam que a resposta dada é equivocada,¹³ instigam o entrevistado a buscar a palavra prevista pelo questionário aplicado, interrompem a entrevista/ou aplicação do questionário e criam uma interação em busca da resposta adequada. É essa nova forma de organização que possibilita uma nova dinâmica, em que as trocas verbais se tornam mais espontâneas, mais ricas em recursos interativos, com maior possibilidade de inovação e de “conflitos”.

O Doc1 minimiza a ameaça à face positiva do entrevistado: “não se preocupe (+) e o que você não souber responder também não se preocupe”, tirando-lhe o peso da responsabilidade de atender a todos os questionamentos apresentados durante a realização da entrevista. A forma como o Doc1 refere-se ao entrevistado tem como objetivo a manutenção da polidez, da harmonia interacional, porém o uso de uma forma negativa acompanhada pelo imperativo pode se tornar muito impositiva, ameaçando a face negativa do ouvinte.

Nesse enquadre, o papel do informante é altamente significativo, pois é ele que instaura um novo processo interativo, que é aceito pelos documentadores, passando daquele que apenas responde a um questionário pré-elaborado, que é conduzido pelo documentador, para um papel de *instaurador*, quebrando por alguns momentos a assimetria da entrevista.

Enquadre 3: Enquadre da inversão (o entrevistado pergunta ao documentador)

Nesse tipo de enquadre, o entrevistado assume o papel de *entrevistador*, produzindo uma inversão dos papéis, posto que seu papel preponderante é de responder às perguntas propostas, dada a natureza do gênero em questão. No fragmento 10, observamos que a resposta “a a a gente fala bote” é dada como uma afirmação de grupo, ou de pertencimento à procedência cabo-verdiana. Argumenta, em seguida, perguntando se poderia chamar de outra forma - “ma::s po:de ser lancha” lancha ‘ canoa’.

Fragmento 10

DOC. 1: uma embarcação feita de ma madeira de tronco de árvore utilizada para navegar nos rios principalmente por índios” → (animador)

16H-CVQFF: a aaa gente fala bote/ma::s po:de ser lancha” lancha ‘ canoa” ((risos)) *eu sei mas aí:*

Ocorreram, com relativa frequência, no *corpus* estudado, casos em que a resposta é dada por meio de outra pergunta ou com a utilização de um marcador de busca de aprovação, como ocorre nos fragmentos 11 e 12, abaixo.

Fragmento 11

DOC.1: nãO sabe”/ aquele aparelho onde se pode ver novela ‘ jogo

65H-CVQFF: televisão”

Fragmento 12

DOC.1: cErtu/ olha a carne a gente come de garfo e faca e a sopa como E **que** a gente toma”

65H-CVQFF: cum taLHER NE” com a colher

¹³ A palavra “equivocada” é utilizada aqui para se referir às respostas não previstas no preenchimento do questionário fonético-fonológico que foi aplicado, uma vez que tal instrumento deve suscitar algumas palavras em especial, com características fonéticas e fonológicas previamente determinadas

O entrevistado responde à pergunta proposta com outra pergunta (“televisão”). Interpretou-se como se ele estivesse buscando aprovação para a resposta, da mesma forma que é mais comum realizar esse tipo de ação por meio de um marcador de busca de aprovação “com taLHER NE”. Podemos observar no alinhamento dos entrevistados uma preocupação com a própria face, com o desejo de ser admirado.

Enquadre 4: Enquadre da brincadeira

Nesse enquadre, que se interpõe aos demais, há espaço para brincadeiras, risos breves e longos, que parecem ser a demonstração de simpatia, do exercício da harmonia interacional entre os documentadores e os sujeitos participantes da pesquisa. O riso ocorre com muita frequência nesse tipo de enquadre, mas não exclusivamente no enquadre da brincadeira. Há outras formas de manifestações do riso que vão da espontaneidade (visando “presentear” o interlocutor) à necessidade de proteção da face, estratégia que ocorreu em vários enquadres.

Fragmento 13

Doc. 1: é::; você tomou emprestado quinhentos reais de alguém e não pagou certo” (*autor*)
a pessoa vai até você e diz /fulano você me: → (*animador*)

16H-CVQFF: DEVE (+) caloteiro ((risos))

Doc. 1 e DOC.2: ((risos)) → (*autor*)

Entre os cabo-verdianos de maior tempo de permanência no Brasil, foi bastante recorrente a estratégia de se manterem calados diante das perguntas feitas pelos documentadores por desconhecerem a resposta, ou por temerem ameaçar a face do interlocutor.

CONCLUSÃO

Este artigo sintetiza a pesquisa sobre a estrutura de participação nos modos de organização de interações verbais realizadas entre pesquisadores e estudantes universitários. O objeto deste estudo é o texto falado, resultado da transcrição das gravações das entrevistas, definido como produto discursivo que registra a interação face a face entre dois, três ou quatro interlocutores, brasileiros e cabo-verdianos.

Observamos que a troca de turno mais frequente criou maior possibilidade de interação e, consequentemente, maior possibilidade de uso dos marcadores interpessoais. Constatamos, igualmente, a existência de diferentes graus de polidez numa interação, mas não sua total ausência. Dentre os procedimentos seguidos para a análise das entrevistas, identificamos os diferentes tipos de estruturas de participação, os papéis assumidos pelos interlocutores e a mudança de papéis assumidos tanto pelos documentadores, quanto pelos entrevistados. Desse modo, a relação entre o documentador e os entrevistados modificou-se à medida que os entrevistados não conseguiram encontrar a resposta prevista pelo questionário. Nessa condição, os documentadores deixavam seu papel de *animador* e assumiram o papel de *autor* criando estratégias para instigar os entrevistados a falarem e a encontrarem a resposta adequada ao questionamento feito.

O fato de os documentadores se tornarem *autores* também possibilitava maior cuidado com a face dos entrevistados, tornava-os mais livres para utilizarem os marcadores conversacionais e, consequentemente, as estratégias de polidez. Das estruturas encontradas, verificamos que o uso

das estratégias de polidez foi constante, mas houve diferenças de tratamento dos entrevistados de uma estrutura para outra. A estrutura do tipo 1, por exemplo, por contar com dois documentadores, criava uma certa tensão, pois quando o entrevistado não sabia ou não respondia à pergunta, os documentadores agiam conjuntamente criando sugestões ('pistas') para que os estudantes respondessem, o que, algumas vezes, poderia ser interpretado como coação. Ainda assim, eles mantiveram sua compostura, alinhando as diferentes situações por meio de estratégias para manter a polidez.

Nessa nova configuração, as interações verbais se tornaram mais participativas, apresentaram um caráter mais flexível, diminuindo a assimetria entre os participantes, e aproximando-se certas vezes de um diálogo. O documentador parece adquirir maior autonomia na formulação de perguntas e formas de instigação do entrevistado. Este, por sua vez, sai de um enquadre mais fechado, restrito, para novas possibilidades de criar, de envolver-se mais com as perguntas.

Em relação aos papéis assumidos, os documentadores alternavam-se no papel de *animadores* e *autores*, enquanto os entrevistados assumiram sua autoria ou sua responsabilidade sobre o que foi dito e, juntos, constituíram diferentes enquadres ao longo das interações ocorridas. Depreendemos quatro enquadres para os cabo-verdianos. Além do enquadre de aplicação do QFF, criaram o enquadre dos comentários, em que a conversação se tornava bem mais natural; o enquadre da inversão, em que os entrevistados perguntavam aos documentadores, em vez de responderem às perguntas e, finalmente, o enquadre da brincadeira, em que os entrevistados se aproveitavam de uma situação criada pela aplicação da entrevista para criar uma brincadeira, tornando a entrevista mais agradável, proporcionando maior engajamento com os documentadores.

Finalmente, nos fragmentos aqui apresentados, que transcreveram interações entre falantes de português como língua materna, representados pelos documentadores brasileiros, e falantes de português como língua não materna, representados por alunos vindos de Cabo Verde, foi possível verificar que a polidez está presente nas entrevistas e se expressa por meio de várias estratégias, conforme descrito na análise dos dados.

REFERÊNCIAS

- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Teles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Temas Educacionais. *PEC-G: Histórico do Programa*, 2015. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico.php>. Acesso em: 8 nov. 2015.
- CICOUREL, Aaron. Theory and method in field. In: CICOUREL, Aaron. *Method and measurement in sociology*. Nova York, The Free Press, 1972. Cap. II.
- ERICKSON, Frederick; SHULTZ, Jeffrey. O "quando" de um contexto. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual: essay on face-to-face behavior*. New York: Doubleday Anchor, 1967.
- GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. USA: Boston: Northeastern University Press, 1974.

- GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002a. p.13-20.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002b. p.107-148.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação*: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUMPERZ, John. *Discourse strategies*. New York: Cambridge University Press, 1982.

GUMPERZ, John. The ethnography of communication. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6, part 2 (Special Issue), (Herbert Landar). *Reviewed in Language*, New York, v. 3, n. 42, p. 704-712, aug. 2007.

HILGERT, José Gaston. Língua falada e enunciação. *Calidoscópio*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 69-76, maio/ago. 2007.

MALUFE, José Roberto. *A retórica da ciência*: uma leitura de Goffman. São Paulo: Educ, 1992

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2002.

PHILIPS, Susan Urmston. Participant structures and communicative competence; Warm Spring children in community and classroom. In: CAZDEN, Courtney B(orden); JOHN-STEINER, Vera; HYMES, Dell (org.). *Functions of language in the classroom*. New York: Academic, 1972. p. 370-394.

PHILIPS, Susan Urmston. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística interacional*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

REIS, Pedro Guilherme Rocha dos. *Controvérsias sócio científicas*: discutir ou não discutir? Percursos de aprendizagem na disciplina ciências da terra e da vida. 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel Abraham; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language*, Washington, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SCHEGLOFF, Emanuel Abraham. *Sequencing in conversational openings*. New York: Columbia University, 1968.

SILVA, Luís Antônio da. Conversação: modelos de análise. In: SILVA, Luís Antônio. *A língua que falamos*: português: história, variação e discurso. São Paulo: Globo, 2005.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cinthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de uma consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

VENTOLA, Eija. *A study of conversational strategies in english and finnish*. Dissertação de Mestrado (MA), University of Jyvaskyla, 1978.